

NARRATIVAS DE MATERNIDADES PRETAS NOS FILMES 2704KM E PUERPÉRIO

Luciana Oliveira Vieira

*Mestra em Cinema e Narrativas Sociais e Professora substituta do curso de Publicidade e Propaganda – Universidade Federal de Sergipe.
Email: luoliveira.vieira@gmail.com.*

Resumo

Narrativas de afeto a partir de imagens de arquivo vêm chamando a atenção atualmente no cenário nacional do cinema negro brasileiro. Uma possibilidade de tornar visíveis histórias de amor de famílias pretas tão violentamente invisibilizadas em grande parte dos roteiros das novelas e filmes brasileiros ao longo das décadas. Este trabalho analisa dois filmes que se apoiam no recurso de imagens de arquivo para expor narrativas pretas sobre a maternidade e relações mães e filhas a partir do formato de filme-carta. Investigamos os curtas 2704km de Letícia Batista (PE) e Puerpério de Luciana Oliveira (SE) na intenção de refletir sobre essas relações a partir do método de análise fílmica.

Palavras-chave: maternidade preta, cinema negro, imagem de arquivo.

Introdução

Ao longo de suas vidas as mulheres negras enfrentam dores de solidão, sexualização de seus corpos e subalternização. Ao se tornarem mães o medo de que essas violências sejam reportadas as suas crianças é grande e tão mais aterrorizador para elas do que poderiam imaginar. A criação de crianças negras na diáspora é uma constante vigilância e questionamento de qual a melhor forma de criar filhos fortes, que possam se proteger ao longo dos anos das violências provocadas pelo racismo e a misoginia, que desde cedo se faz presente na vida de uma pessoa negra.

Audre Lorde (2020), em seu texto “O filho homem: reflexões de uma lésbica negra e feminista”, expressa esse sentimento comum às mulheres mães negras da diáspora africana. A escritora preta e lésbica, mãe de dois filhos, relata que “para sobreviver, crianças negras nos Estados Unidos têm de ser educadas para serem guerreiras. Para sobreviver, elas também têm de ser educadas para reconhecer as muitas faces do inimigo.” (LORDE, 2020, p. 94).

Essa carga que habita nas costas de mulheres negras atravessando mares de gerações, reflete séculos de opressões que lhes proibiram o ato de amar, de formar suas famílias, de gestar e maternar seus próprios filhos. Reflexo do período escravocrata que causaram tantos traumas ao povo preto. Como afirma bell hooks, 2010:

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor. (HOOKS, 2010)

Em sua reflexão sobre o ato de amar entre pessoas negras, hooks (2010) nos alerta sobre como esse período reverbera até hoje nas vidas das pessoas negras na diáspora e suas relações. O contexto de

escravidão não permitia a expressão de sentimentos, de emoção, e por tanto, as relações pretas foram sendo construídas ao longo dos anos com base na ação de reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência. Ser uma pessoa forte passou a ser reconhecida como característica positiva. Um sinal de personalidade forte. (HOOKS, 2010).

Ao longo do tempo esse papel de “mulher forte”, “guerreira”, que não se deixa abater para sobreviver foi e ainda é direcionado às mulheres negras, que em consequência das opressões que lhes cercam desejam preparar seus filhos para serem fortes também. Mas, só de guerra podem viver as mulheres negras? Mães? De conflitos internos provocados por suas dores e medos? Não merece a mulher negra a liberdade de amar? Para Audre Lorde (2020), as crianças negras precisam amar e resistir ao mesmo tempo para que possam sobreviver. E para tanto, elas precisam se desprender:

“Criar crianças negras – meninos e meninas – na boca de um dragão racista, machista e suicida é perigoso e arriscado. Se eles não puderem amar e resistir ao mesmo tempo, provavelmente não vão sobreviver. E, para que sobrevivam, precisam se desprender. É isto o que as mães ensinam – amor, sobrevivência -, ou seja, definição de si e desprendimento. Para cada uma dessas lições, a capacidade de sentir intensamente e de reconhecer esses sentimentos é central: como sentir amor, como não desconsiderar o medo nem ser dominado por ele, como experimentar a alegria de sentir profundamente.” (LORDE, 2020, p. 93).

Neste sentido, hooks e Lorde apresentam uma possibilidade de mulheres negras vivenciarem suas maternidades se permitindo ao amor, não é negar as opressões, mas saber amar, dar e receber amor. Amar a si mesmas, olhar para dentro e assim poder amar os seus filhos e ensiná-los também a entender que possuem direito ao amor.

O racismo e a misoginia privam as mulheres negras de seu “amor interior” aquele amor no qual, diferente do “amor próprio” que sempre está ligado a nossa relação com o outro. O “amor interior” precisa ser reconhecido pelas mulheres negras, elas devem reconhecer que o

seu emocional, a sua vida interior também importa (HOOKS, 2010)¹. Desenvolvendo em si o ato de amar é o caminho para uma cura na maternidade preta, poder amar plenamente a si próprias e aos seus filhos, é um direito à existência plena dessas mulheres, que deste modo, ensinarão aos seus filhos o poder de amar também.

A mulher negra deve se permitir sentir e não está no controle. Se permitir baixar a guarda e a armadura para acolher as dores das crianças negras que também são suas, chorar assim como elas, para que elas sintam-se também no direito de expor suas emoções e não reprimi-las, para que possam saber que o seu emocional importa. E ensiná-las a enfrentar essas situações, sem deixar de acreditar em si mesmas e no seu amor interior, como afirma bell hooks ao apresentar um exemplo através da relação da escritora Kesho Scott e sua mãe relatada em seu livro “O hábito da sobrevivência: Estratégias de vida das Mulheres Negras”:

“Voltando a falar da mãe de Keshno, é provável que a dor de sua filha tenha trazido recordações de suas próprias feridas, nunca reveladas. Será que assumiu aquela atitude crítica, dura, ou mesmo cruel, para não se expor, chorar, e deixar de ser “uma mulher negra forte”? Mas se tivesse chorado, sua filha saberia que ela se identificava com aquela dor, que seria possível falar sobre o assunto, que não precisaria guardar essa dor.” (HOOKS, 2010).

É chegado o momento de mulheres negras romperem com o passado de dor das maternidades pretas que não puderam maternar de forma plena, porque precisavam ser fortes, e porque tiveram que em muitos casos, maternar os filhos dos outros. Sendo essas mulheres negras da atual geração mulheres que estão em busca de se descolonizarem, elas devem encontrar o amor e perceber o passado de suas mais velhas não como um lugar apenas de dor, mas como uma possibilidade de cura dessas histórias, podendo elas hoje ter a oportunidade de maternar de um modo diferente das que vieram antes, honrando os seus passos e quebrando séculos de dor.

1 Vivendo de amor. In Geledes, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em 10 de abril de 2021.

Os filmes analisados aqui neste artigo apresentam de formas semelhantes, porém por perspectivas diferentes, o ato de amar que as autoras nos convocam a refletir. “2704km” (2019) dirigido pela cineasta Letícia Batista é escrito e narrado por ela e Letícia Barros, um filme-carta observando como filha a história de sua mãe refletida na dela. E “Puerpério” (2021), dirigido pela autora deste artigo, também em formato de filme- carta para a sua filha, expressando o seu desejo de que sua filha possa alcançar a liberdade de ser quem ela quer ser.

Metodologia

Com o objetivo de investigar o tema de maternidades pretas abordados nos filmes Puerpério (2021) e 2704KM (2019), sob a perspectiva do pensamento do feminismo negro, a metodologia de análise fílmica aplicada foi a de análise de conteúdo. Este tipo de análise considera o filme como um relato e tem em conta o tema do filme. (PENAFRIA, 2009). Neste sentido, o que interessa na investigação destes filmes são as relações entre mães e filhas negras representadas por eles.

Após o levantamento de uma bibliografia que abordasse o tema das maternidades pretas, as reflexões das escritoras bell hooks e Audre Lorde foram utilizadas para observar as relações das personagens nos filmes em questão. Observou-se também a relação entre as duas narrativas, no que diz respeito a sua estética, por meio das imagens de arquivo e seu gênero de documentário em formato de filme-carta, um formato fílmico que apresenta a subjetividade e intimidade da direção/narração e que endereça a alguém a quem deseja que essas imagens cheguem. Como aborda Rúbia Mércia de Oliveira Medeiros,

“O que nos remete a filme-carta é justamente a elaboração dos processos criativos, que partem inicialmente da carta literária e de relatos em primeira pessoa para compor a obra dentro de um ponto de vista específico do autor com o seu entorno, suas questões e suas correspondências com o mundo.” (MEDEIROS, 2013).

Deste modo, relacionamos não só o formato que atravessam os filmes em questão, abrindo a intimidade das duas diretoras com suas mães e filhas, mas principalmente como se dão as suas relações de maternidade enquanto mulheres negras que filmam e que narram suas próprias histórias.

Neste sentido, analisamos o conteúdo dos filmes, ou seja, a partilha e o afeto que são apresentados nas relações maternas a partir de imagens de arquivo que fortalecem a memória das destinatárias desses filmes cartas, no passado e no futuro.

Resultados e discussões

Que você seja livre, para ser quem você é

Puerpério (2021) é um filme-carta onde busco, em primeira pessoa, expressar os seus medos maternos e meu desejo da liberdade de ser para minha filha. Utilizando de imagens de arquivo, entre fotografias estáticas e vídeos caseiros feitos em boa parte com celular que acompanham os primeiros três anos de vida de Malaika e de minha vida como mãe. Em pouco mais de 9 minutos, o filme nasce do possível, de uma forma de fazer cinema que se mostra simples em seu formato, e que foi produzido durante o isolamento social da pandemia da Covid-19.

Em um desabafo compartilhado com minha filha sobre a solidão na maternidade e as crises de uma mulher mãe de primeira viagem que vivencia o puerpério² e o fato de nunca ter sido informada sobre o que realmente se tratava a maternidade e esse sentimento tão intenso que é o puerpério.

“E por falar nisso filha, eu preciso que você saiba sobre o puerpério. Puerpério, puerpério é dor, solidão, estranhamento, culpa e insegurança. É vontade de sair pelada correndo e sentar no asfalto e chorar, chorar, chorar. E ninguém me contou. Ninguém me contou o que era isso. Eu senti e vi quando nós nascemos. Quando eu pari você e você pariu uma mãe.” (PUERPÉRIO, 2021).

2 O período pós-parto, também conhecido como puerpério, refere-se a um momento de transição em que ocorrem intensas alterações fisiológicas e psicológicas nas mulheres, envolvendo tanto aspectos hormonais, como questões familiares e culturais. Ele começa após o nascimento do bebê, e seu fim não é bem delimitado, podendo abranger até 12 meses após o nascimento. Acesso: <https://meuparto.com/blog/maternidade/aspectos-emocionais-no-puterperio/>

Esse trecho narrado no filme busca refletir o silenciamento e o abandono da sociedade para com as mães puérperas. O momento em que mulheres mães necessitam de acolhimento, estão mentalmente e fisicamente abaladas com a nova vida, são as cobranças de uma maternidade perfeita, ainda representada de forma romantizada na sociedade, incluindo os julgamentos, que são reforçados.



Fonte: frame do curta-metragem Puerpério

Sendo uma mulher negra e mãe de uma menina negra, expõem também um medo atravessado pelo racismo e pelo machismo da sociedade em que vivemos:

“Eu descobri que eu tenho medo que os meus medos sejam seus um dia. Mas, eu preciso te contar que no futuro você será uma mulher preta, adolescente, depois adulta e o mundo para nós é cruel. Mas, eu quero que saiba que você tem o poder de dizer não. De impor limites aos outros. De ter seu espaço. Você tem o direito de ser livre.” (PUERPÉRIO, 2021).

Assim como vimos nas reflexões de Audre Lorde (2019), neste filme preparo minha filha para enfrentar uma realidade social difícil que é o racismo, e sendo ela uma menina, o medo também está interseccionado pelo gênero. Em uma sociedade que silencia e violenta mulheres e crianças negras, direciono a minha filha uma mensagem filme para prepara-la para dizer “não” a um mundo que poderá ser cruel também para ela.



Fonte: frame do curta-metragem *Puerpério*

A crise entre a individualidade e a maternidade impressa no filme, passa também pelo medo de perder-se, por parte desta mãe que filma. Perder-se de sua profissão e da vida social. Porém, ao expor esse medo, reforço a importância da individualidade em minha existência para a minha criança. Nos últimos minutos do filme, ao dizer a ela: “esse é o recado que eu queria deixar para você no futuro. Que você seja livre, para ser quem você é.” (PUERPÉRIO, 2021), essa afirmação corrobora com as colocações de Lorde (2020):

“A lição mais contundente que posso ensinar ao meu filho é a mesma que posso ensinar à minha filha: como ser exatamente quem ele deseja ser. E a melhor maneira de fazer isso é sendo quem eu sou e tendo esperança de que, com isso, ele aprenda não a ser como eu, o que não é possível, mas como ser quem ele é. E isso significa caminhar em direção a voz que vem de dentro, e não em direção às vozes estridentes, persuasivas ou ameaçadoras que vêm de fora, pressionando-o a ser o que o mundo quer que ele seja.” (LORDE, 2020, p. 96-97).

Alinho mais uma vez o pensamento da escritora ao filme carta. A preocupação de mulheres negras que desejam um futuro possível, de liberdade, para a existência de seus filhos. Um futuro em que eles possam estar prontos para enfrentar a dor e a delícia de ser negro na diáspora. Fortes e certos de seu eu interior, amando a si mesmos como são, e seguros de quem são, sem permitir que as ameaças externas, reflexos do racismo, possam podá-los e privá-los da liberdade de ser.

Diante disso, percebo o quanto ser uma mãe negra na diáspora é uma tensão para nós que lutamos diariamente pela existência sem dor de nossos filhos. Lutamos pela construção de sua força interior e os preparamos para um mundo injusto ainda. O que buscamos para nós e para nossos rebentos é o direito de sermos livres.

Oficialmente estamos na estrada juntas

2704km (2020) filme-carta da diretora Letícia Batista (PE), reúne imagens de arquivo de sua infância, em VHS, imagens que revelam ser o início dos anos 1990. São imagens felizes de confraternizações de uma família preta, imagens essas raras na história do cinema brasileiro, quando narrativas de famílias pretas existindo em sua plenitude, divertindo-se e celebrando suas vidas, foram invisíveis no cinema nacional.



Fonte: frame do curta-metragem 2704KM

Letícia busca a história de sua mãe, ao se debruçar em seu diário, é nesse movimento que a diretora tem a possibilidade de olhar para os sentimentos de Marizete Batista e o seu eu interno como importantes, essa mulher que também é a sua mãe. A diretora atravessa a individualidade de sua mãe ao ler o seu diário e encontrar seus relatos de amor.

A individualidade de uma mulher que se torna mãe é comprometida ao nascer da criança, como relata a pesquisadora e mãe negra Bárbara Maia Cerqueira Cazé (2020):

“Por experiência própria sabemos demarcar o início do processo de silenciamento da individualidade das mulheres que são mães, mas não sabemos quando termina. Começa nas consultas médicas durante o pré-natal, segue com o nascimento do filho no hospital e acompanha a mulher em ambientes de sociabilidade do filho, como a escola. Se uma mulher está acompanhada do filho, ela é “Mãe”, os demais papéis que ela desempenha em sua vida social e produtiva ficam em segundo plano.” (CAZÉ, p.57, 2020).

A cineasta inicia o filme com a narração do diário de sua mãe em primeira pessoa, ela nos apresenta Marizete Batista, uma mulher apaixonada que agora estava grávida e surpresa com a gravidez. Uma mulher negra que sonha com o amor e com a família que está prestes a construir, mas que no decorrer dos 11 minutos de filme percebemos uma ausência da figura paterna que só se faz presente nos primeiros minutos.



Fonte: frame do curta-metragem 2704KM

Ao ler o diário de sua mãe e recuperar as imagens de sua infância, Letícia compara o caminho de sua mãe com o seu. Duas mulheres negras que ainda na juventude se deslocam de seu lugar de origem para encontrar o seu lugar no mundo. Marizete deixa o interior de Minas Gerais muito jovem para construir vida em São Paulo, assim como Letícia deixa São Paulo muito jovem para fazer faculdade em Recife.

“Você saiu do interior de Minas para ir trabalhar em uma cidade desconhecida. Eu sair para fazer o tão sonhado ensino superior em cinema no Nordeste.

Quem diria! Apesar das coincidências das histórias, a minha só foi possível por causa da sua. No final, sabemos que ninguém abandonou ninguém. Nem você, quando me deixou sozinha para ir na festa quando tinha 7 anos, nem eu quando te deixei para vir para cá. Sempre estamos juntas, afinal. Em São Paulo, brigando. Em Minas, vendo você andar à cavalo ou em Recife. Oficialmente, estamos na estrada juntas.” (2740KM, 2018).

Talvez Marizete Batista, não tenha nenhuma proximidade com as reflexões sobre as maternidades que as feministas negras que evocamos aqui apresentam. Mas, podemos perceber que a filha que filma, teve em sua mãe um espelho para construção de sua existência, para a construção do seu ser, respeitando os seus sonhos, assim como a sua genitora. Mesmo contra a vontade de sua mãe, Marizete foi para São Paulo, assim como Letícia sentiu-se preparada e forte para buscar no Nordeste o sonho da graduação em cinema. A lição abordada por Audre Lorde (2020) é aqui também visualizada. Marizete foi quem ela era para que Letícia também pudesse ser, enfrentando também o mundo com todos os desafios que ele apresenta para mulheres negras.

Considerações finais

Visitar o passado e compreender o presente ou escrever no presente uma mensagem para o futuro. Os filmes 2704KM e Puerpério apresentam formas diferentes de maternidades pretas, mas que se cruzam pelos olhares de mulheres negras que filmam e escrevem para mãe e filha sobre o amor que sentem uma pela outra. Ambas as diretoras recorrem a imagens de arquivo familiar para eternizar uma mensagem filme sobre suas relações e suas existências.

Acompanhamos duas mães negras em tempos diferentes, mas com o mesmo dilema enfrentado por várias mães no mundo, o desejo de defender a sua individualidade e também o medo de como esse mundo receberá suas filhas. De um lado uma mãe que se prepara para ser uma referência feliz para sua filha, do outro uma filha que se vê na mãe, que lutou por sua independência e assim a tornou também independente. Podemos ver também narrativas de mulheres negras que possuem a oportunidade de maternas as suas filhas, sendo assim, um processo de cura com um passado que foi tão doloroso para suas ancestrais pretas, que não tiveram a mesma oportunidade, enquanto

mulheres em condições de escravidão e privadas, muitas vezes, de maternas suas crias.

Observar os filmes apresentados neste artigo relacionando-os as reflexões de bell hooks e Audre Lorde, reforça o quanto o ato de maternas crianças pretas permanece sendo um desafio em uma sociedade que ainda é dominada pelo racismo e que afeta nossas crianças na mais tenra idade. Olhar o passado e curar as feridas que a escravidão lançou sobre as relações pretas, através do ato de amar, é o melhor caminho para criar crianças negras. Esse caminho é também uma responsabilidade de uma comunidade inteira, não só da mãe, das mulheres negras, mas de toda uma sociedade que precisa está comprometida em desconstruir séculos de discriminação racial.

Referências bibliográficas

CAZÉ, Bárbara Maia Cerqueira. Eu vi Deus e Ela é uma mulher preta: Maternidades negras no curta-metragem Deus, de Vinicius Silva. In: Mulheres negras na tela do cinema/ Bárbara Maia Cerqueira Cazé [(org.)] – Vitória: Pedregulho. 2020.

HOOKS, B. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995, p. 454-478. ____. Vivendo de amor. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor>. Acesso: 02 de abril de 2021.

LORDE, Audre. O filho homem: reflexões de uma lésbica negra e feminista. In: Irmã outsider/ Audre Lorde; tradução Stephanie Borges. – 1. ed.; 1. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MEDEIROS, Rúbia Mércia de Oliveira. Filmes-carta: por uma (outra) estética do encontro. In: Filmes Carta: por uma estética do encontro. Curadoria: Rúbia Mércia de Oliveira Medeiros, Caixa Cultural, 2013.

PENAFRIA, Manoela. Análise de filmes – conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM. 2009.

Filmes

2704KM (2020)

Ficha técnica:

Direção, fotografia, montagem, correção de cor, texto, voz 2:

Letícia Batista

Voz 1: Letícia Barros

Puerpério (2021)

Ficha técnica:

Direção\roteiro\locução\imagens\montagem: Luciana Oliveira

Imagens adicionais: João Brazil

Mixagem de áudio e trilha sonora: Léo Airplane

Finalização: Lu Silva

Música: "Malaika" - Miriam Makeba executada por: Léo Airplane

Participação: Malaika Vieira Brazil e João Brazil

Realização: Rolimã Filmes